

Sobre o Gênero *Itasuchus* (Mesoeucrococylia : Crocodyliformes) e suas distribuições litoestratigráfica, biocronológica, paleobiogeográfica

Reinaldo J. Bertini¹; Caio Fabrício César Geroto¹; Flávio Fernando Manzini²; Ana Carolina Grillo Monteiro²

¹ UNESP Rio Claro; ² UNESP São José do Rio Preto

RESUMO. *Itasuchus* é um dos vários morfótipos de Crocodyliformes, descritos para o Neo-Cretáceo (Campaniano / Maastrichtiano) do Grupo Bauru. As características morfológicas gerais deste clado o aproximam dos “goniofólidos”, grupo de Crocodyliformes quase cosmopolita, durante o Juro / Cretáceo. Entretanto este espécimen apresenta alguns caracteres morfo-anatômicos, algo peculiares, que dizem respeito ao caráter bastante endêmico das biotas do Neo-Cretáceo do Sudeste do Brasil, levando alguns autores a associá-lo a uma família denominada “Itasuchidae”, embora previamente tenha sido associado até mesmo aos Trematochampsidae. O holótipo provém do Membro Serra da Galga da Formação Marília, do Triângulo Mineiro, coletado na região de Peirópolis, Município de Uberaba, depositado no Museu de Ciências da Terra com o número MCT 434-R. Além deste material existem, formalmente descritos e / ou previamente examinados, outras quatro ocorrências, nesta contribuição consideradas associáveis ao Gênero *Itasuchus*, por meio de justificativas levando-se em consideração a clara proximidade morfo-anatômica dos cinco materiais mencionados no texto, e listados abaixo pelos autores. A primeira delas corresponde a uma mandíbula, resgatada da Formação Adamantina da Cidade de Pacaembu, Sudoeste do Estado de São Paulo, infelizmente de localidade ainda não especificamente identificada pelos autores, que provavelmente poderia estar associada à espécie-tipo, *I. jesuinoi*, depositada no Museu da Água Branca, sob o número MUGEO 218-V. A segunda trata-se do morfótipo recentemente descrito como “*Pepesuchus*”, proveniente da também da Formação Adamantina, mas coletado no Município de Pirapozinho, do afloramento usualmente conhecido como Tartaruguito, novamente situado no Sudoeste do Estado de São Paulo, cujo número de catálogo, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, é MN 7005-V. Existe outro espécimen, proveniente do mesmo Tartaruguito, considerado parátipo de “*Pepesuchus*”, depositado no Museu de Ciências da Terra, sob o número MCT 1788-R. Por fim, o último espécimen identificado como associado a *Itasuchus* trata-se também de um fragmento craniano, que se encontra em descrição, depositado no Museu de Ciências da Terra do DNPM sob o número MCT 1723-R, cuja procedência exata é desconhecida, embora se saiba ser proveniente da Formação Adamantina, provavelmente também do Sudoeste do Estado de São Paulo. Portanto levando-se em consideração estas ocorrências observam-se distribuições litoestratigráfica e biocronológica, de *Itasuchus*, dispersa especialmente entre a Formação Adamantina do Sudoeste do Estado de São Paulo, considerada campaniana / maastrichtiana, e o holótipo tendo sido resgatado no Membro Serra da Galga da Formação Marília do Triângulo Mineiro, interpretado como apresentando idade maastrichtiana. Sendo assim fica clara a possibilidade de uma associação biocronológica entre estes depósitos triangulinos e seus equivalentes paulistas, como tratado previamente na literatura, envolvendo eventualmente ostrácodos, bem como outros vertebrados encontrados no âmbito do Grupo Bauru, incluindo testudinos, outros crocodylomorfos e dinossauros deinonycoossauros e titanossauros. Da mesma maneira explicita-se uma significativa distribuição paleobiogeográfica para o Gênero *Itasuchus*, com uma dispersão apreciável, entre Triângulo Mineiro e Sudoeste do Estado de São Paulo. Estas distribuições litoestratigráfica, biocronológica, paleobiogeográfica fazem supor sobre uma provável continuidade lateral dos depósitos do Grupo Bauru, abordagem explicitada algumas vezes desde o início dos anos 1990, e que parece cada vez mais aceitável.

PALAVRAS CHAVE. GRUPO BAURU, CROCODYLIFORMES, BIOCRONOLOGIA